

Cai o déficit comercial

■ Economistas apostam em melhora nas contas três meses após fase aguda da crise asiática

JANES ROCHA

BRASÍLIA – O fantasma da concorrência dos asiáticos nos mercados interno e externo, depois que eles desvalorizaram brutalmente suas moedas tornando seus produtos mais baratos, ainda não marcou presença nas contas externas brasileiras. Três meses depois da fase mais aguda da crise financeira internacional, os economistas não só descartam a hipótese de uma enxurrada de produtos asiáticos mais baratos no mercado doméstico, como identificam uma vantagem para os exportadores brasileiros. E, conseqüentemente, para a redução do déficit em conta corrente do país.

Para Odair Abate, economista-chefe do Lloyds Bank, a balança comercial e os investidores em renda fixa são os dois grandes ganhadores da crise asiática. Basicamente porque estão sendo beneficiados, um pelo desaquecimento da economia doméstica que cria excedentes exportáveis e o outro, pela alta das taxas de juros.

Queda – A soma dos déficits da balança comercial nos primeiros dois meses do ano está apontando para US\$ 1,2 bilhão (US\$ 717 milhões em janeiro e US\$ 500 milhões estimados para fevereiro), um total bem menor que o US\$ 1,6 bilhão da mesma conta do primeiro bimestre de 1997, calcula Abate. Nesse ritmo, e com dois fatores contrários ao déficit (queda dos preços do petróleo e pelo menos as mesmas exportações de produtos agrícolas), o resultado da balança comercial este ano está estimado entre US\$ 5 bilhões e US\$

O déficit externo

Ano (1996)		Ano (1997)	
Mês	% do PIB	Mês	% do PIB
Janeiro	-2,52%	Janeiro	-3,19%
Fevereiro	-2,32%	Fevereiro	-3,41%
Março	-2,22%	Março	-3,50%
Abril	-2,06%	Abril	-3,75%
Maio	-1,97%	Maio	-3,88%
Junho	-1,86%	Junho	-3,98%
Julho	-1,98%	Julho	-4,10%
Agosto	-2,07%	Agosto	-4,15%
Setembro	-2,30%	Setembro	-4,17%
Outubro	-2,53%	Outubro	-4,18%
Novembro	-2,72%	Novembro	-4,30%
Dezembro	-3,14%	Dezembro	-4,20%

(*) Saldo acumulado nos últimos 12 meses até o mês em questão, em transações correntes (balança comercial mais serviços e transferências unilaterais).

5,5 bilhões. Ou seja, US\$ 3 bilhões a menos que no ano passado.

As exportações do Brasil para os países asiáticos de fato sofreram com a crise. Segundo o Ministério da Fazenda, no quarto trimestre do ano passado houve uma queda de 56% nas vendas brasileiras para a Tailândia, 28% para a Coreia e 14% para a Malásia, em comparação com a média dos três trimestres anteriores. No entanto, os produtos que vão para esta região representam apenas 5,1% da pauta de exportações brasileiras.

Em compensação, diz Carlos Nascimento, coordenador geral da área externa da Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Fazenda, as vendas para a União Européia cresceram, no mesmo período, 13%; para os países da Aladi, 24,4%; para o Oriente Médio, 8,2%; e para a Europa Oriental, 24,4%.

“No comércio global há uma vantagem”, afirma. Para o primeiro trimestre de 1998, ele é cauteloso: “tudo depende dos desdobramentos da crise”. Mas aposta na melhora constante das vendas dos produtos manufaturados e da balança em geral.

Crescimento – “Entramos o ano de 1998 com um crescimento de 11% das exportações e 15% das importações. No começo de 1997, as exportações estavam crescendo 13,6% enquanto as importações cresciam 22%”. Ainda não é possível avaliar os efeitos sobre as vendas e compras do país no exterior em janeiro porque os dados não foram detalhados. Mas, segundo Nascimento, pelo menos um setor já está desovando seus excedentes exportáveis: o automotivo.

Vindo de um ritmo de produção da ordem de 120 mil a 130 mil veículos

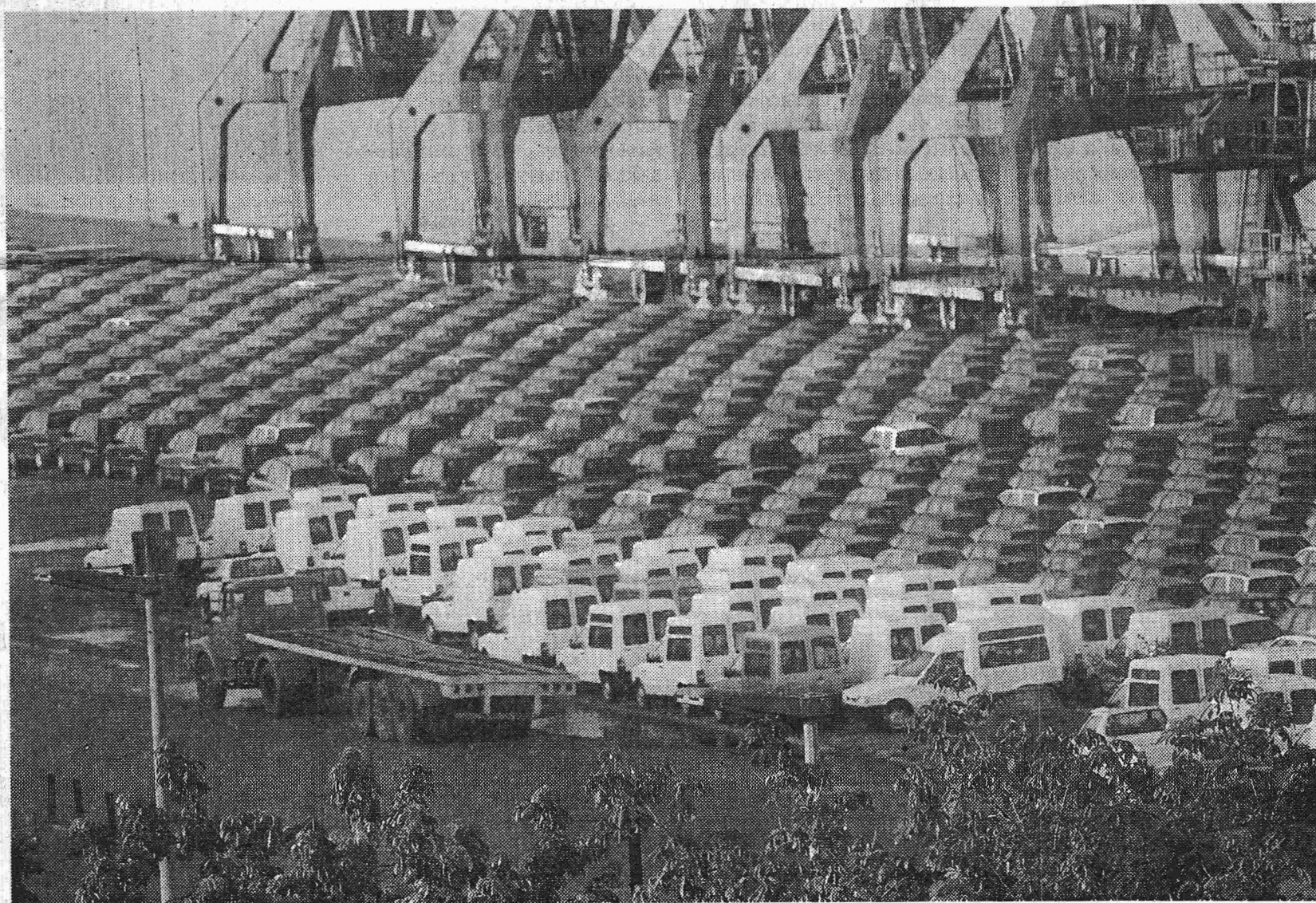
por mês, as montadoras viram os consumidores reduzindo as compras de carros com medo das elevadas taxas de juros e do pacote fiscal que elevou o Imposto de Renda das pessoas físicas. Já em dezembro passado o valor das vendas ao exterior da indústria automobilística subiu 160% para um crescimento de 137% no ano todo. “Isso já é um indício de que elas estão transbordando seus produtos para o exterior”, analisa Carlos Nascimento.

Déficit – O balanço de pagamentos do Brasil (formado pela balança comercial e de serviços e pelo movimento de capitais), está com um déficit em conta corrente de mais de US\$ 33 bilhões, mas pode receber uma boa contribuição caso esses resultados se confirmem. Uma parte do déficit na balança de serviços vem dos gastos e receitas obtidas com viagens e turismo.

Segundo o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, as receitas apuradas com turistas estrangeiros que vêm ao Brasil totalizaram US\$ 114 milhões no mês passado, 36% a mais que no mesmo mês de 1997. Ao mesmo tempo, a quantidade de dólares que os turistas brasileiros levaram para o exterior baixou de US\$ 501 milhões em janeiro do ano passado para US\$ 417 milhões em janeiro último. Com isso, o déficit na conta de turismo diminuiu em US\$ 100 milhões.

“Se o país conseguir reduzir em US\$ 100 milhões por mês o déficit na conta de turismo, já será US\$ 1,2 bilhão a menos de déficit na conta corrente”, diz o economista do Lloyds.

Luiz Morier – 5/11/97



As vendas da indústria automobilística ao exterior subiram 16% em dezembro de 97. O crescimento em todo o ano passado foi de 137%